

Os Caminhos lógicos da psicanálise: O Nome próprio (*)

Jorge Forbes

O tema que me propus tratar é “Caminhos Lógicos da Psicanálise: O Nome Próprio”.

Caminhos da psicanálise em dupla acepção:

- a. da psicanálise em si, no geral, e
- b. de cada análise que se realiza no particular da clínica.

Lógico, porque é através de argumentos lógicos; e por ser a Lógica a adequada ciência de tratar o Real, como o disse Lacan, dela vou me valer para tentar explicitar porque penso que podemos dizer que uma análise se dirige ao Nome próprio.

O médico e o analista

Normalmente nossos colegas médicos resolvem mandar um paciente para o analista quando não sabem o que fazer, sendo o analista aquele que cuidaria dos casos sem solução para a ciência, sustentada e representada por eles.

Às vezes, é até mesmo com um certo desdém que uma indicação é feita, desdém em relação à queixa do paciente e inclusive, desdém pelo trabalho que o analista possa realizar.

Como Narciso acha feio o que não é espelho, eles têm toda razão: o analista é feio, é o avesso do médico.

Examinemos por quê.

Quando um paciente procura um médico, o faz porque está mal e tem algo a se queixar.

(*) Este texto é referente ao desenvolvido pelo autor na conferência do mesmo nome que abriu o Seminário “Acolhida do Campo Freudiano: Amanhã, a Psicanálise”, na Sociedade Psicanalítica de São Paulo, realizada no Auditório da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, em 13 de outubro de 1988.

Dor de cabeça é cefaléia, nariz correndo é coriza, etc. O médico define os sintomas (o termo quer dizer juntar as partes) e elabora um percurso numa síndrome (o sufixo dromo significa caminho, via. Ex.: velódromo, hipódromo). Quando isso é possível, define-se o tratamento.

O tratamento vem a ser uma alteração do estado do paciente pela justa prescrição do que lhe falta ou que está errado, para atingir o estado de saúde.

Isso só pode ser feito porque se estabelece uma conversa, um diálogo entre o paciente e seu médico.

Devemos aqui entender diálogo no mais lato sensu como, por exemplo: a queixa de um braço doendo dialoga com uma radiografia de uma fratura. Paciente e médico assim se entendem.

O que ocorre quando não há diálogo, quando não há entendimento?

Busca a medicina colocar ouvidos auxiliares, aumentar sua escuta, sua percepção. Desenvolvem-se as mais diversas próteses: químicas, os exames de laboratórios; óticas, os microscópios, agora eletrônicos; físicas, os raios X e seus modernos derivados, e tantas mais.

Tudo isso com um só objetivo: conversando é que se entende, dialogando é que se muda, detectando é que se altera.

Assim a medicina progride - chamamos de progresso médico cada passo que é dado no “entendimento” da doença, dos males do homem. Embora tenha a medicina a esperança de vir a tudo ouvir, ver, compreender, sanar, verifica-se que nesse progredir, ao novo escutar é concomitante o novo silêncio. (Brinca-se hoje em dia: que saudades tenho do Delfin e ... da gonorréia).

Lacan dizia que a psicanálise é consequência do discurso da ciência. Poderíamos entender que a psicanálise se ocupa do silêncio da ciência; em especial a psicanálise se ocupa do silêncio da medicina, do mal-estar que se recusa a ser ouvido, lido, interpretado, sabido, conduzido ou sarado no diálogo do convencimento possível, que é o científico.

Não seria muito avançar que a psicanálise é o tratamento pelo diálogo impossível.

Uma coisa é certa, a ciência não é inimiga da psicanálise. Não pensemos que o avanço médico virá a ocupar-se do que o analista se ocupa. Seria absolutamente ingênuo pensar isso e vai contra, aliás, quase todas as teses atuais da ciência: a decepção de tudo saber já é, hoje, um fato. Voltaremos a esse ponto.

A cada mês se dá mais um passo; ontem foi um novo gene da esquizofrenia descoberto, hoje é a droga resolvidora da depressão, amanhã talvez seja anunciado: cura-se, finalmente, o câncer.

O que sabemos é que o silêncio, quanto maior for o aprimoramento da escuta, mais ensurdecedor será seu barulho.

Ciência e psicanálise caminham juntas. A ciência progride, a clínica psicanalítica muda; não se vêem mais hoje em dia os quadros de Histeria descritos por Charcot; o que se vê são histéricas com outros quadros. A fenomenologia da clínica muda na decorrência do avanço científico.

O mal-estar é criativo em novos modos de fazer silêncio.

O psicanalista é o avesso do médico, mas não avesso a ele. Não é assim que a questão se resolve, mesmo porque essa questão não tem solução, o que tem é operação.

O percurso analítico

Se na medicina o percurso tende a tudo dialogar, na psicanálise tende-se à demonstração da perpetuidade de um silêncio. Dialogamos, sim, para evidenciar o silêncio. A isso se chama demonstrar o Real.

Como se vê, é uma forma lógica de se dizer do silêncio: Demonstrar o Real.

Definindo o Real como aquilo que não cessa de não se escrever, estamos dizendo que o Real é o impossível de se escrever.

Como detectar o impossível de se escrever senão escrevendo?

Temo que esteja ficando complicado.

Retomemos:

Digamos que o percurso analítico, que o caminho lógico da psicanálise, vai do encontro com o Real à demonstração do Real. Um tratamento analítico se dá entre esses dois pontos: o encontro e a demonstração do Real.

O encontro com o Real é o momento em que o sujeito tropeça em suas certezas. Resumidamente, diríamos que é o momento em que uma harmonia é quebrada, rompida, em que um mal-estar se estabelece.

Muita coisa normalmente acontece entre esse momento de rompimento, entre esse tropeço com o Real, e a chegada a um analista.

O tempo resolve, as diversões, os amigos, os trabalhos, os livros, os médicos...

Será que 10, 5,1% dos que tropeçam com o Real procuram o analista? Possivelmente muito menos.

Mas, vamos nos ocupar dos que procuram. Esses o fazem com uma esperança evidente: o que buscam é o restabelecimento da harmonia perdida.

Uma harmonia se recupera com o diálogo. Mais uma vez aqui vale o: conversando a gente se entende. “A gente fica sabendo melhor quem a gente é e aí tudo vai ficando bem...”.

Quando se tropeça com o Real e não se cura rapidamente, fica-se perguntando: quem “é eu”?

Um saber é necessário para responder a essa pergunta.

Histeria e Obsessão

Os sintomas neuróticos são formas impróprias de resposta a quem “é eu”. Os sintomas neuróticos dão nomes impróprios ao sujeito.

A título de exemplo, e como uma primeira aproximação, tentemos pensar sobre os hábitos histéricos e obsessivos, na fenomenologia da clínica.

Aproximadamente, então, diríamos: o obsessivo é alguém que é incluído e cujo mal é depositado no que lhe é excluído; e o histérico é alguém excluído cujo mal é depositado na inclusão.

Expliquemo-nos: o obsessivo se estabiliza em um saber. Normalmente o que repudia é aquilo que põe questão ao saber estabelecido, que diga que há alguma outra coisa que diz respeito a ele e que não está contida nesse saber prévio. O que vai pedir ao analista é uma ortopedia do seu saber. Aflige-se com qualquer coisa que quebre esta estabilidade. É um bom soldado, faz profissão de fé. Não por nada Freud exemplificou a neurose obsessiva com a religião e o exército. O caminho lógico da demonstração do Real, no obsessivo, é demonstrar o incompleto de seu saber, é implicá-lo não no todo, mas no que falta.

A histérica, pelo contrário, compraz-se na exclusão e critica qualquer saber que a inclua. Passa seu tempo a demonstrar que qualquer atributo que se lhe dê é falho e incompleto. Amanhã sempre será melhor. Aguarda o Messias Maior e, nesse caminho, vai transformando, quando novos Messias encontra, os mestres de hoje nos coitados de amanhã.

Trata-se de duas estratégias distintas de garantir ao sujeito um nome que lhe diga respeito com certeza: “você é isso!”.

O nome histérico ou o nome obsessivo fracassa, fracassa na demonstração do real.

Significação e Atributos

O que se passa em uma análise são tentativas de significação. O que uma pessoa que se analisa tenta fazer é buscar os justos atributos que lhe definam quem é.

Por quê? Ora, se tivermos certeza absoluta do que somos, de quais são os atributos necessários e suficientes que nos identificam, não teremos a menor dúvida quanto à nossa ação.

Não duvidamos que temos que dormir, que andar, que respirar, que beber água, que comer. Chamamos a isso de necessidades básicas. Não duvidamos sobre elas, mas duvidamos em tudo o que é a elas mais além. O que se busca é a certeza - o bom, o necessário, a ação correta.

O que acontece no percurso do tratamento analítico é de certa forma uma materialização de um debate que existe na lógica sobre o problema da nomeação.

Não, é claro, que uma coisa tenha a ver diretamente com a outra, mas, como lembra Lacan, um discurso se esclarece em seu confronto com outro. Vamos ao outro.

Significar ou designar - O Nome próprio

No domínio da Lógica encontramos um debate de como se liga um nome a seu referente.

De um lado, encontramos Russell e Frege, e de outro, Saul Kripke.

Russell e Frege estão de acordo em dizer que um nome é ligado a seu referente por uma descrição.

Quem é Maria? Maria é mulher de João.

Ao perguntarmos quem é Maria, a resposta é uma descrição de um atributo de Maria. É uma predicação.

A pergunta então seria: para definirmos quem é uma pessoa, quantos atributos são necessários? É uma questão de quantidade ou uma questão de qualidade?

Se for uma questão de quantidade também seria interessante pensar a partir de que momento, de quantas perdas de atributos uma pessoa deixaria de ser ela mesma.

Os que leram o, em voga, *Fogueira das vaidades* podem pensar se o fato de Sherman McCoy perder sua mulher, casa, emprego em Wall Street, faz com que Sherman McCoy não seja mais Sherman McCoy.

Se for uma questão de qualidades teríamos que pôr uma hierarquia de predicados - filho de quem, onde mora, onde trabalha, etc.

O percurso de uma análise é de uma certa maneira um esforço por parte do analisando para ajustar a quantidade de atributos com a devida qualidade.

Uma análise que se desenvolva no sentido de buscar quais e quantos são os atributos justos àquela pessoa, nada mais estará fazendo que uma pedagogia. Por sua vez, não há pedagogia que não responda a alguma ética que diga o bem, que diga qual o estado a ser atingido de maneira predicativa.

Saul Kripke (1) se opõe ao pensamento de Frege e Russell.

Para ele um nome, um nome próprio, sempre vai conter nele mesmo mais que qualquer descrição, predicação possam significar.

Aristóteles mora na Av. Brasil, Aristóteles nasceu no Guarujá e Aristóteles foi o professor de Alexandre, O Grande, estamos sempre nos referindo a 'Aristóteles', independentemente do falso ou do verdadeiro predicado.

Um nome próprio, nos diz Kripke, é um designador rígido.

Prestemos atenção ao termo: "designador rígido" - Designa e não significa - Designar quer dizer apontar, indicar, mas não significar. Rígido diz respeito ao fato de ser invariante, ou seja, alterando os contextos continua inalterado.

Designador rígido é, portanto, o termo que tem a condição de apontar, indicar, em todos os mundos possíveis.

O exemplo há pouco empregado, 'Aristóteles', é Aristóteles nos diversos mundos possíveis. O nome próprio é um designador rígido.

Ao dizer que o nome próprio designa, mas não significa, estamos dizendo que sua significação sempre nos escapa.

O referente do nome próprio é inerente a ele mesmo e sendo o mesmo nos diversos mundos possíveis não temos o recurso à diferença para fazer a significação.

Sendo rígido, sendo sempre o mesmo, põe problema à metaforização, e nenhum predicado lhe é imanente.

(1) Cf.: Saul Kripke - Naming and Necessity

O nome próprio é o nome do silêncio a que nos referíamos ao iniciar.

A pergunta então que fizemos: de que maneira trabalhar com os atributos, para definir uma pessoa, ganha outro sentido. A definição de quem "é eu" ultrapassa o jogo dos predicados.

O Nome comum

Para cotejar com o nome próprio, falemos um pouco do comum.

Tomemos dois elementos vegetais tais como um grão de café e uma jabuticaba.

Talvez não saibamos diferenciá-los e troquemos um pelo outro, chamando de jabuticaba o que é café e vice-versa.

Essa confusão em alguns momentos e circunstâncias pode ser possível. Mas, se, por exemplo, dissermos: "As jabuticabas estão secando no terreiro em frente à sede da fazenda", ficará evidente, pelo contexto, a nossa confusão. Não é jabuticaba que se põe a secar no terreiro, mas os grãos de café.

O nome comum, à diferença do próprio, não é o mesmo em todos os mundos possíveis e o contexto evidencia a impertinência.

Nosso exemplo mostra que o nome comum se significa nos predicados, no caso: "secando no terreiro".

Uma clínica que busque a significação de quem "é eu", através dos predicados é uma clínica do nome comum.

Sendo que um nome comum se altera, alterando o contexto, para que a significação seja mantida, para que "é eu" seja sempre o mesmo, dever-se-á imobilizar o contexto.

A técnica do ajuste do nome à imobilização do contexto chama-se: adaptacionismo, com suas derivadas.

Volto agora ao nome próprio, com Lacan.

Com Lacan

Examinemos a seguinte frase, extraída de “Subversão do Sujeito”: “Ele é como tal impronunciável, mas não sua operação, pois ela é o que se produz cada vez que um nome próprio é pronunciado. Seu enunciado se iguala à sua significação” (Escritos, pg. 302 port.Ed. Perspectiva¹ / 819 fr.).

O nome próprio, nessa definição de Lacan, é o enunciado que se iguala à sua significação.

Ora, o nome que responde quem ”é eu”, responde, mas não posso entender.

A verdade do sujeito é uma tautologia. Igual a si mesma, é uma verdade que aponta, designa, mas não significa.

A garantia pretendida por todo analisante, de dizer o bem adequado e justo, se vê impossibilitada.

O problema, como já foi dito, não tem solução, mas sim, operação: o demonstrar o Real.

Kripke, Lacan e Gödel

Prometemos que voltariamos à decepção de tudo saber da ciência.

Em trabalho recente, “Analisando 88”, fizemos referência a Gödel.

Sejamos aqui breves; o que prova o famoso teorema da incompletude senão que, por melhor cadeia de provas que se possa estabelecer na definição da verdade de uma sentença, sempre haverá uma sentença que, embora fuja à prova, não podemos decidir, por isso, sua verdade ou falsidade: a sentença indecidível.

Como o nome próprio, que não se significa na cadeia dos predicados, a sentença indecidível não se valida na cadeia de provas.

A verdade é não toda, diz Lacan.

A psicanálise se ocupa do silêncio da ciência, onde cala o saber e se aponta, designa, o ser. Essa é a subversão do sujeito freudiano.

Conseqüências

Anunciamos que o final da análise, o caminho lógico da análise é o nome próprio.

Todo um percurso na tentativa de dizer tudo se depara com um nome, com um enunciado que se iguala à sua significação.

O fim da análise exige a escolha forçada de se decidir no indecidível.

¹ Escritos, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 833.

A demonstração do Real é atingida quando se suporta 'não ceder em seu desejo'; uma das fórmulas que Lacan utilizou para definir a Ética.

Não ceder em seu desejo é não se acomodar à impropriedade da significação adaptada.

Não há um outro do Outro, não há garantia última e outra que o risco.

Isso explica porque Lacan responde à filosofia, que tenderia a fazer com que a Ética fosse a do dizer o bem. Para a psicanálise resta a ética do bem dizer, aquela que respeita o próprio do nome, o silêncio.

Não se espera a solução, opera-se.

: